

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2017

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 2

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o poema XXXVI de «O Guardador de Rebanhos». Se necessário, consulte a nota.

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...

Que triste não saber florir!

- 5 Ter que pôr verso sobre verso, como quem construi um muro
E ver se está bem, e tirar se não está!...

Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre boa e é sempre a mesma.

- 10 Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa,
E olho para as flores e sorrio...
Não sei se elas me compreendem
Nem se eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
15 De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao colo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante para adormecermos,
E não termos sonhos no nosso sono.

Fernando Pessoa, *Poesia de Alberto Caeiro*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith,
3.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2009, p. 72

NOTA

construi (verso 5) – o mesmo que *constrói*.

1. Nas três primeiras estrofes, são abordados dois processos de criação poética.

Explicite esses dois processos, tendo em conta, por um lado, as comparações presentes nos versos 3 e 5 e, por outro lado, o sentido do verso 4 e o conteúdo da terceira estrofe.

2. Interprete o verso «Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa» (v. 9), atendendo à especificidade da poesia de Alberto Caeiro.

3. Explique o modo como as sensações e a comunhão com a natureza são valorizadas na quarta estrofe do poema. Fundamente a sua resposta com elementos textuais pertinentes.

B

Leia o texto.

Vejo o meu pai, no limite da minha infância, dobrar a porta do pátio, com um baú de folha na mão. Vejo-o de lado, e sem se voltar, eu estou dentro do pátio e não há, na minha memória, ninguém mais ao pé de mim. Devo ter o olhar espantado e ofendido por ele partir. Mas alguns meses depois o corredor da casa de minha avó amontoa-se de gente, na despedida de minha
5 mãe e da minha irmã mais velha que partiam também. Do alto dos degraus de uma sala contígua, descubro um mar de cabeças agitadas e aos gritos. Estou só ainda, na memória que me ficou. Depois, não sei como, vejo-me correndo atrás da charrete que as levava. O cavalo corria mais do que eu e a poeira que se ia erguendo tornava ainda a distância maior. Minha mãe dizia-me adeus de dentro da charrete e cada vez de mais longe. Até que deixei de
10 correr. Dessa vez houve choro pela noite adiante — tia Quina contava, conta ainda. Mas não conta de choro algum dos meus dois irmãos que ficavam também. Deve-me ter vibrado pela vida fora esse choro que não lembro. É dos livros, suponho. Depois a infância recomeçou. Três irmãos, duas tias e avó maternas, depois a vida recomeçou. Mas toda essa infância me parece atravessar apenas um longo inverno. É um inverno soturno de chuvas e de vento, de
15 neves na montanha, de histórias de terror, contadas à luz da candeia no negrume da cozinha, assombrada de tempestade. Até que um dia um tio de minha mãe, que era padre na aldeia, se pôs o problema de eu não ser talvez estúpido. E imediatamente se empenhou para me consagrar ao Altíssimo.

Vergílio Ferreira - Fotobiografia, organização de Helder Godinho e Serafim Ferreira, Lisboa, Bertrand, 1993, p. 118

4. Vergílio Ferreira evoca dois episódios marcantes da sua infância.

Compare esses dois episódios, apresentando um aspeto que os aproxime e um outro que os distinga.

5. «Mas toda essa infância me parece atravessar apenas um longo inverno.» (linhas 13-14).

Explique em que medida esta afirmação, bem como a caracterização do inverno apresentada nas linhas 14 a 16, sintetizam a percepção de Vergílio Ferreira em relação à sua infância.

GRUPO II

Leia o texto.

O conceito de cultura científica é o mais vasto e o mais complexo. A cultura científica não consiste apenas na capacidade de ler o mundo à nossa volta e de sabermos orientar-nos nele, nem consiste apenas na aquisição de conhecimentos científicos, como pretende o *Public Understanding of Science*.

5 A cultura científica é um capital que nos permite não apenas ler, mas usufruir do mundo, não apenas conhecer, mas manipular as ideias produzidas pela ciência, perceber as potencialidades e os riscos e as limitações da ciência, relacionar os conhecimentos da ciência com outros saberes e culturas e integrá-los numa visão coerente e enriquecedora do mundo, e encarar a ciência sem a mínima atitude de servidão ou sequer de reverência, mas apenas com curiosidade, emoção e sentido de responsabilidade.

10 A promoção da cultura científica visa dar à ciência o mesmo estatuto que possuem saberes como a literatura ou a música: garantir a todos a capacidade para o seu usufruto, as condições para a sua apropriação e as ferramentas para o seu controlo.

15 A cultura científica exige conhecimentos sobre a ciência, mas não conhecimentos disciplinares. Trata-se de conhecimentos sobre a forma como a ciência progride, nunca linearmente, mas com correções e desvios constantes; sobre a necessidade de hipóteses, de experiências, de confirmações e de desilusões; sobre a importância da imaginação e da excentricidade; sobre o valor da diferença e a importância do trabalho em equipa; sobre a importância do debate vivo e aberto; sobre as regras e os limites do método científico; sobre a banalidade do erro, a frequência dos enganos, os inevitáveis enviesamentos e as humanas fraudes, que existem tanto na ciência como em qualquer outra atividade humana; sobre a objetividade da ciência, mas também sobre o papel da subjetividade nas suas conclusões; sobre a intemporalidade da ciência, mas também sobre a forma como cada época gera as suas verdades provisórias; sobre a universalidade da ciência, mas também sobre a forma

20 como o contexto molda os consensos que constituem a «verdade científica».

A promoção da cultura científica nada tem a ver com a promoção da ciência. Promover a cultura científica é promover este olhar e estimular o diálogo, alimentar o pensamento crítico e a capacidade de fascínio com a descoberta, afastar o receio de questionar e ensinar-nos que é lícito ver algo diferente do que todos os outros à nossa volta veem e sempre viram.

30 Promover a cultura científica não é ensinar ciência – embora também o seja –, sendo fundamentalmente aproximar os cidadãos da ciência e familiarizá-los com os cientistas, com a sua atividade, e estimulá-los a questionar não só o mundo, mas a própria ciência.

António Granado e José Vítor Malheiros, *Cultura Científica em Portugal: Ferramentas para Perceber o Mundo e Aprender a Mudá-lo*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015, p. 19 (adaptado)

1. De acordo com os dois primeiros parágrafos, o que permite distinguir a cultura científica das concepções mais comuns de ciência é o facto de a cultura científica
 - (A) ajudar o ser humano a orientar-se no mundo.
 - (B) ultrapassar a dimensão puramente objetiva.
 - (C) se centrar na aquisição do saber científico.
 - (D) permitir que o homem conheça o mundo.

2. De acordo com a perspetiva expressa pelos autores no terceiro parágrafo do texto, a aproximação à literatura e à música realça a ideia de que a ciência deve
 - (A) evoluir linearmente, sem desvios.
 - (B) possuir um carácter disciplinar.
 - (C) estar ao alcance do cidadão comum.
 - (D) propiciar uma visão subjetiva do mundo.

3. No quarto parágrafo do texto, a construção anafórica está ao serviço da
 - (A) enumeração de diversas características do método científico.
 - (B) enumeração de propriedades que definem a cultura científica.
 - (C) demonstração da objetividade própria dos saberes científicos.
 - (D) demonstração do valor intemporal das conclusões científicas.

4. Nos dois parágrafos finais, os autores defendem, sobretudo, a ideia de que a cultura científica
 - (A) fomenta a curiosidade e o gosto pela ciência.
 - (B) deriva exclusivamente do ensino da ciência.
 - (C) controla os efeitos da aplicação da ciência.
 - (D) contribui para o desenvolvimento da ciência.

5. Nas expressões «sabermos orientar-nos» (linha 2) e «que nos permite» (linha 5), os pronomes pessoais desempenham as funções sintáticas de
 - (A) complemento indireto, em ambos os casos.
 - (B) complemento direto, em ambos os casos.
 - (C) complemento indireto e de complemento direto, respetivamente.
 - (D) complemento direto e de complemento indireto, respetivamente.

6. No contexto em que ocorrem, as palavras «literatura» e «música» (linha 12)
- (A) pertencem ao mesmo campo lexical.
 - (B) pertencem ao mesmo campo semântico.
 - (C) estabelecem uma relação de hiperonímia/hiponímia.
 - (D) estabelecem uma relação de holonímia/meronímia.
7. No contexto em que ocorre, a conjunção «mas» está associada a uma ideia de adição
- (A) na linha 16.
 - (B) na linha 14.
 - (C) na linha 9.
 - (D) na linha 5.
8. Indique o tipo de deixis assegurado pelo determinante possessivo presente na linha 2.
9. Classifique a oração iniciada por «que» na linha 25.
10. Identifique o antecedente do pronome presente em «embora também o seja» (linha 30).

GRUPO III

«A memória age como a lente de uma câmara escura; reduz todas as coisas e, dessa forma, produz uma imagem bem mais bela do que o original.»

Traduzido a partir de Arthur Schopenhauer, *Parerga and Paralipomena*, Vol. I, Oxford, Clarendon Press, 1974, p. 447 (adaptado)

Será que a memória permite sempre construir uma imagem idealizada do passado?

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre o modo como o passado é percecionado através da memória.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item	
	Cotação (em pontos)	
I	1. a 5.	
	5 × 20 pontos	100
II	1. a 10.	
	10 × 5 pontos	50
III	Item único	50
TOTAL		200